



Missão Salesiana

de

Mato Grosso

**Inspetoria de Campo Grande
Brasil**

Meus irmãos em Dom Bosco:

No dia dois de julho p. passado, sobre as treze horas locais, no Hospital "Pedro Ernesto" da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, faleceu nosso irmão:

Pe. PEDRO ALVES FERREIRA.

Estava com sessenta e cinco anos de idade: seu último aniversário ocorrera no dia vinte e nove de julho. Completava trinta e oito anos de sacerdócio: fora ordenado no dia dois de julho de 1950. Sua Primeira Profissão Religiosa, ele a preferiu no dia oito de fevereiro de 1941. Desde essa data, sempre se identificou como Salesiano e da Inspetoria de Campo Grande.

O penúltimo dos cinco filhos do casal, Heitor Alves Ferreira e Rita Mariano Machado, veio ao mundo, no dia vinte e nove de junho de 1923. Como nascera na festa do grande apóstolo, na pia baptismal, deram-lhe o nome de Pedro, no dia vinte e seis de outubro do mesmo ano. É coisa estranha! Com o mesmo nome já tinha sido crismado, em setembro, pelas mãos do primeiro Arcebispo de Goiás, Dom Emmanuel Gomes de Oliveira! O que é impossível aos restos dos mortais, em Goiás, às vezes acontece. A cidade, que acolheu o menino, chama-se Santa Cruz, histórico Município, nas imediações de Pires do Rio - GO.

A infância de Pedrinho, como o chamavam os familiares, não foi risonha. Propriamente nasceu no sítio dos pais. A casa, que ainda existe, é cômoda e de boa aparência. Enorme terreiro, com muitas frutas. Curral na frente, com porteira e tudo. Aos três anos de idade, porém, morreu-lhe o pai. E a mãe foi espoliada de quanto possuía, por parentes zelosamente inescrupulosos. E quando inteirou sete anos de vida, perdeu também a mãe. E os Ferreira, órfãos de pai e mãe, foram morar na cidade. A casa tem ainda vasto quintal. Ali, Pedrinho, plantou a sua horta. E podia-se vê-lo, na rua, ora com uma abóbora na cabeça, ora com uma melancia no ombro, buscando berganhá-las por biscoitos, que lhe apeteciam enormemente. E fazia bons negócios, pois, de fato levava muito jeito. Maria, a irmã mais velha, assumiu a liderança da família. Com dezessete anos, tornou-se professora e criou os irmãos.

Em 1934, na dia cinco de novembro, Pedro Alves Ferreira chegou ao "Ginásio Anchieta" de Bonfim, hoje Silvânia - GO., dirigido pelos Salesianos desde 1932. Pedrinho - e era mesmo pequeno e gordinho - ia prestar os exames de admissão ao Curso Ginásial. Matriculou-se, na seção da Escola Agrícola, formada por alunos que trabalhavam também na imensa horta do Ginásio. Mas ficou por pouco tempo. O Diretor, Pe. João Pian, simpatizou-se logo com ele e o transferiu para seção dos estudantes, no segmento denominado "Aspirantes", constituído por alunos, que davam esperança

de se tornarem sacerdotes. Na turma, Pedrinho era o menor e o mais novo também. Tinha apenas onze anos. Seus colegas eram uns trinta, por aí. Formavam delicioso ambiente. Cada qual, tinha a sua tarefa. O Pe. Diretor encarregara o Pedrinho de catar ovos. As galinhas se criavam ao aberto. Faziam os ninhos pelas moitas de bananeira, pelos buracos, nos capins, e por outros lugares impensados. E todos os dias, no recreio que se seguia ao café da manhã, lá ia o nosso herói com sua cesta. Metódico e pontual. De ninho em ninho, apanhando jeitosos os ovos. Ficou “oveiro” por muito tempo. Foi logo empenhado no teatro. Fazia a parte do “menininho bom”. E o fazia bem, o danado. Na aula, não se distinguia, na turma. Também não ficava lá embaixo. Não exagerava na rezação e as mortificações não era o seu forte. Mostrou-se disciplinado. Fazia bem o que havia de fazer. Entrou para a Companhia da Imaculada e nunca mais a deixou. Desenvolveu rápido o gosto pela leitura. Lia muito. Devorava as “Leituras Católicas”. Um volume atrás do outro. Gostava muito do “O Eco”, revista que os Jesuítas de São Leopoldo - RS publicavam e o Pe. Diretor assinava uns números para os Aspirantes. A leitura se lhe tornou hábito, até paixão, mesmo. Era animado esportista. Revelou-se goleiro corajoso e de ótimo sentido de colocação. Não era fácil enganá-lo. Não consta que Pedrinho tivesse inimigos. Todos gostavam dele. Amigos, porém, tinha somente alguns. E foi sempre assim: encantava a muitos, não se deixando encantar, senão por alguns.

Em 1939, terminado o Curso Ginásial, pediu para ser admitido ao Noviciado, na expectativa de se tornar sacerdote salesiano. Foi accito. O Pe. João Pian, que lhe despachou o pedido, averbou também a observação: “potè attendere con regolarità agli studi, riuscendo sempre bene. Si mostrò di buona indole, lavatore, disposto a ricevere avvisi.... fù sempre aperto al Direttore. Credo farà buona riuscita”. Partiu para o distante Estado de Mato Grosso. Para Cuiabá, a Capital Verde. O Noviciado da Inspeção estava no vetusto Seminário da Imaculada Conceição do Bom Despacho. O Noviciado começou no dia trinta de janeiro de 1940. Não lhe foi nada fácil enquadrar-se e acertar o passo com a cadência do novo regime de vida. Na sua turma, a maioria dos noviços eram estrangeiros. Havia quatro brasileiros. Um não suportou nem o primeiro mês. Apagou-se logo, na primeira curva da estrada. Um outro se desmiolou, pela metade do ano. Deixou os colegas e tentou se fazer militar. Foi logo desligado do exército e sumiu de uma vez. O terceiro continuou, mais para azucrinar do que para confortar. Ficou o Pedrinho, pois. Muito lhe valeu a presença do Sr. Arcebispo D. Francisco de Aquino Correa. Nas tardes, depois do jantar, freqüentemente se entretinha com os Noviços, em demoradas caminhadas. Para lá e para cá na varanda interna do velho casarão. As maneiras fidalgas de sua Excelência, o linguajar singelo e castiço; mas, sobretudo, o espírito e o testemunho de pessoa realizada diante dos homens e diante de Deus, encantavam o noviço goiano. O livrinho das “Constituições Salesianas”, que o noviço Pedro Alves Ferreira recebeu e sobre o qual professou, contém o dístico “Fac hoc et vives” - A frase é de Lc. 10, 28. Foi escrita à mão, em letras garrafais, em torno do escudo da Congregação, na página de rosto. O fato é certamente de inspiração aquiniana. Toda primeira quinta-feira do mês, o sr. Arcebispo presidia a Hora-Santa em favor das Vocações, no Santuário de Nossa Senhora do Bom Despacho. Os Noviços estavam sempre lá. O celebrante festonava suas intervenções com aforismos, os mais variegados. Entre os manuscritos do noviço Pedro Alves Ferreira, encontra-se a listagem de muitos deles, entre os quais colho às cegas, a quadra:

- “As rosas é que são belas,
Os espinhos é que picam;
Mas são as rosas que caem
E os espinhos que ficam!”

Chegados ao fim do Noviciado, o Conselho da Casa titubeou em admitir o noviço Pedro Alves Ferreira à Primeira Profissão religiosa. O Pe. Inspetor, Pe. Ernesto Carletti, que o conheceu menino, em Silvânia, chamou para si toda responsabilidade e lhe deu sinal verde. Professou no dia oito de fevereiro de 1941, no Santuário de Nossa Senhora do Bom Despacho.

Ainda no Seminário da Imaculada Conceição, cursou o primeiro e segundo anos, chamados de “Filosofia”. Foram anos de intenso trabalho intelectual. Os colegas levavam-lhe vantagem considerável, nas Disciplinas Humanísticas, principalmente, em Grego e Latim. Era mister diminuir a diferença. E conseguiu, com enorme empenho. Em 1941, fez o Tiro de Guerra. Pela manhã, dependurava a batina e envergava o uniforme verde-oliva do exército. Misturava-se com a rapaziada do seu tempo em animados exercícios de guerra. E porque o tachavam de “padreco”, propôs-se superá-los, em tudo. Intellectualmente, até que foi fácil. Mas fisicamente, custou-lhe, às vezes, desconhecidos esforços. Dotado, todavia, de boa saúde e sendo bom desportista, não demorou muito estar entre os mais garridos. Quando voltava para casa, não se cansava de contar seus feitos. E o fazia muito bem, enfeitando e também encompridando a realidade. O protosso Pedro Alves Ferreira sempre agradeceu a Deus os companheiros que teve, principalmente durante esses anos de “Filosofia”. De fato, sabiam o que queriam e estavam decididos no que sabiam. Pela vida em fora, lembrava-os com saudade. Um por um. memo-

E o Pe. Pedro Alves Ferreira foi destinado a substituir o Pe. Mário Forgione, na Direção do Colégio D. Luiz Lasagna de Araçatuba; enquanto o Pe. Mário Forgione se apossava, mais uma vez, da Direção do Colégio Salesiano D. Henrique Mourão de Lins, no lugar do Pe. Pedro Cometti, que, enfim, ocupou a Direção do Colégio Dom Bosco de Tupã. O Pe. Pedro Alves Ferreira obedeceu, como o fez sempre. Mas não consegui digerir esse rodízio de evidente favoritismo. Foram anos de intenso trabalho. O prédio novo estava na primeira lage. Os alunos internos aumentando de ano em ano. A dedicação dos salesianos era total. A alegria dominou o ambiente. Foram laboriosos mas salesianamente sadios aqueles anos. No derradeiro trimestre de 1964, a Inspetoria saudou o novo Pe. Inspetor, na pessoa do Pe. Leonardo Jacuzzi. Novo céu e nova terra! Ele se encantou com o Colégio D. Luiz Lasagna. Foi coisa de amor à primeira vista. Discerniu de imediato a possibilidade de transformá-lo no maior Pré-Aspirantado. E aconteceu aquilo que o Pe. Pedro Alves Ferreira, biblicamente chamou de "Díaspóra": fechou-se o internato e o pessoal salesiano foi diluído pela Inspetoria. O Pe. Pedro Alves Ferreira, nos começos de 1965, estava já em Campo Grande, planejando e implementando a Faculdade de Direito. No início se apavorou. Achava inviável o projeto. Faltava-lhe tudo: espaço físico e, sobretudo, ambiente cultural. Mas ponderou que, em nossa Inspetoria tudo tem começado salesianamente: ou seja, com o razoavelmente possível e com muita fé. E pôs mão à obra, com denodo. No fim do ano, realizou-se o primeiro concurso vestibular da Faculdade. Os alunos da primeira turma se recordam saudosos de suas aulas, do seu temperamento exigente, do seu zelo apostólico, tentando enuclear com eles a JUC - Juventude Universitária Católica. Mas no ano de 1966, não se articulou bem com a cúpula da Comunidade Salesiana do Colégio Dom Bosco de Campo Grande. E, como não suportava tergiversações, pediu o destinassem a outros mares. Mandaram-no, em 1967, para o Colégio Salesiano D. Henrique Mourão de Lins, como Ecônomo. O Pe. Mário Forgione, ainda era Diretor. Não era mais como antigamente. O Concílio do Vaticano II já havia acontecido; o Pe. Diretor estava a deriva, não retendo mais o timão; os salesianos mais novos já não suportavam o peso dos internatos; e o Pe. Pedro Alves Ferreira, em momento amargo da vida, não se sentiu mais capaz de compartilhar responsabilidades naquela situação.

A obediência lhe indicou o Colégio de Santa Tereza de Corumbá MS, ainda na função de Ecônomo. Passaram-se três anos. De 1968 a 1970. O Colégio de Santa Tereza vivia época de vacas magras. O prédio novo estava ainda na estrutura de cimento. Os rendimentos davam apenas para a sobrevivência da Comunidade. Não obstante o Pe. Pedro Alves Ferreira gostava de memorar aqueles anos de muito trabalho e de muita austeridade. Havia, estusiasmo, dizia. Derrepente, todavia, a Comunidade Salesiana implodiu. O Pe. Pedro Alves Ferreira, em 1971, foi parar no Ginásio "Pe. Ernesto Carletti" do Alto Araguaia, como professor. Foi-lhe o "buraco negro" na vida. A comunidade salesiana estava estruturada de maneira a desenvolver ritmo de vida absurdo. Não suportou e se negou drasticamente a pactuar-se com a situação. No meio do ano de 1971, foi transferido para Maracaju MS, como Vigário Paroquial.

Foi o período de maior estabilidade na vida. Mais de sete anos! Foram também os anos mais apostólicos de sua existência. Descobriu-se como apóstolo. Autêntico e teimoso tornou-se um dos paladinos do renascimento cristão da Paróquia. Através do Cursilho de Cristandade e do Movimento Familiar Cristão, com os adultos; pelo "Movimento Construindo", com a juventude; e com os DDA - Dia da Amizade - com a adolescência. Recordava-se, gratificado, dos muitos amigos de Maracaju.

Em 1978, o Pe. Pedro Alves Ferreira foi transferido para a Paróquia de São Pedro de Indápolis, ainda como Vigário Paroquial. Mais seis anos de estabilidade. A Paróquia de São Pedro, em Indápolis, engloba diversas agrovilas, resultantes do projeto de colonização da região. A população é rural. O Vigário Paroquial desenvolveu projeto original de catequização. Ele o chamou de CLC - Curso de Liderança Cristã. É forjado sobre o modelo de Cursilho de Cristandade. O currículo, porém, é bastante original. O princípio caracterizador é a intenção de dar, ao leigo, oportunidade de se tornar sujeito do processo catequético pessoal. Muitos foram os leigos da Paróquia, e de outras Paróquias circunvizinhas, que passaram pelo CLC do Pe. Pedro Alves Ferreira. Em cada agrovila se enucleou o grupo de "ceelicistas", que anima a catequese e a vivência cristã local. Desses grupos emergiu uma das mais ativas seções de Cooperadores Salesianos. No CLC e por ele, o Pe. Pedro Alves Ferreira se tornou eficiente divulgador de livros católicos. Em todos os encontros do CLC, em momento previsto, surgia rica exposição de livros. Fazia questão de explanar pessoalmente a importância da leitura para esclarecer a aprofundar a Fé. Então discorria, entusiasmado, sobre os livros expostos, sobre a temática de cada um e a incidência eventual no amadurecimento da Fé. É sem conta o número de Bíblias que conseguiu alocar, nessas ocasiões. Ainda como desdobramento do CLC, nas segundas-feiras, havia a instrução catequética que ele chamava de "Escolinha". Ele mesmo a ministrava impreterivelmente, a partir das dezoito horas. Os interessados apareciam de todos os recantos da vasta Paróquia. Aprendiam a História da Igreja, a Liturgia e sobretudo a Sacramentária.

Nos meados de 1986, o Pe. Inspetor chamou o Pe. Pedro Alves Ferreira para o Centro da

dia, o Preciosíssimo Sangue do Senhor. Na hora da ordenação, no momento da prostração, caiu-lhe na cabeça, o báculo de sua Excelência! Nada de grave. O suficiente, todavia, para despostar um fiozinho de sangue e suscitar um mundo de interpretações, agorentas umas e graciosas outras...

Ordenado em Sacerdote, não voltou logo para o Brasil. Mandaram-no especializar-se em Direito Canônico. Espantou-se de início. Por fim, obedeceu agradecido. Graduou-se, em 1952. Pretendia defender tese e doutorar-se. Não lho permitiram e tornou ao Brasil. Nunca entendeu, porém, o porque o encaminharam para especialização, truncando-lha, em seguida, ao meio do caminho.

Pelo fim da segunda metade de 1952, chegou ao Colégio Dom Bosco de Campo Grande, que sediava também a Inspeção. O Pe. Inspetor, no momento, não estava. Era o que sucedia frequentemente, com desagradável consequência. O irmão, ou convocado pelo Inspetor, ou porque vinha de fora, não o encontrando, ficava em desprezível expectativa. O Pe. Pedro Alves Ferreira, recém-chegado da Itália, viveu essa decepcionante recepção: ninguém o acolheu. Deixou-se ficar, como bolha de sabão perdida no ar. No início de 1953, nós o encontramos no "Instituto Pedagógico Salesiano São Vicente". Lá estavam os Novícios e os Pós-Novícios. O Pe. Pedro Alves Ferreira era o Diretor dos Estudos dos Pós-Novícios, ou Pe. Conselheiro. Ficou dois anos. Sua atuação se pautou pelo aforismo: "Dar o melhor de si, para exigir o máximo dos outros". A premissa, "dar o melhor de si" ele a viveu, com a determinação que lhe era própria: no preparo das aulas; na pontualidade ao horário da vida comum; na dedicação ao trabalho manual, previsto para todos; e na disponibilidade à assistência religiosa à comunidade eclesial do Rochedinho. Mas a consequência "para exigir o máximo dos outros" gerou atritos. E justamente aí é que o Pe. Conselheiro seria intransigente. Os desencontros o transferiram, no fim de 1954, para Lins SP, como Conselheiro do Colégio Salesiano Dom Henrique Mourão. Pe. Pedro Alves Ferreira adaptou-se bem ao Diretor, Pe. Mário Forgione, que já o teve como assistente, e ao ritmo da vida do Colégio. Dedicou-se, com empenho, em organizar e enriquecer a biblioteca da comunidade. Foram-lhe gratificantes aqueles anos. Participou do Congresso Eucarístico Internacional do Rio de Janeiro e de diversos encontros pastorais, descobrindo a Igreja, no Brasil, mantendo-se sempre ao par de seus surtos e avanços.

Pelos fins de 1956, tornou-se forçoso mudar o Pe. Mário Forgione de Lins. Prometeu-se-lhe a Diretoria do Colégio Dom Bosco de Campo Grande. Aceitou, mas com a condição que se lhe dessem o Pe. Pedro Alves Ferreira, como Ecônomo. Tudo se arrumou. Em termos. Porque o experiente Diretor mandou o astuto Ecônomo, na frente, para que verificasse a situação da terra prometida. E constou-se que não estava tão prometedora assim! Quais Filisteus, o Pe. Pedro Alves Ferreira vislumbrou no Colégio Dom Bosco de Campo Grande, é segredo dele e do Pe. Mário Forgione. O certo é que resolveram ficar na outra margem do rio Paraná, armando as tendas no Colégio Salesiano Dom Luiz Lasagna de Araçatuba, que também lhes fora indicado, como alternativa de obediência.

Pelos fins da década de cinquenta, a obra salesiana, em Araçatuba, constava já da Paróquia de São João Batista e do Colégio Salesiano D. Luiz Lasagna. Mas ambos em situação precária de consolidação. O Colégio tinha as primitivas edificações em mau estado de conservação e deixava muito a desejar. O edifício novo e amplo, que hoje honra a Inspeção, estava ainda na flor da terra. O trabalho da Comunidade se desenvolvia em duas frentes. A externa, que consistia em melhorar e terminar a estrutura arquitetônica; e a interna, mais delicada e essencial, que era a de recuperar e consolidar as tradições salesianas, principalmente na disciplina e no aproveitamento escolar. O Pe. Pedro Alves Ferreira teve decidida atuação tanto numa, como noutra frente. Na frente interna, foi inabalável coluna da disciplina, no dizer dele, a defesa mais eficaz de qualquer aluno e sinal de bom espírito salesiano; no aproveitamento escolar, manteve-se empenhado e exigente professor. Na frente externa, teve suas atenções voltadas particularmente para os futuros pátios do Colégio. Com perseverante determinação e edificante austeridade, desenvolveu paciente trabalho para adquirir lote a lote, a metade da quadra, que ficava para além da rua, que limitava os fundos. Hoje, também a rua faz parte da imponente praça de recreios. Para ele, bons pátios e animados recreios fazem parte do segredo da educação salesiana. Deu também assistência religiosa, no Colégio de Nossa Senhora Aparecida das Irmãs do Sagrado Coração. Foi metódico e pontual Capelão. Fundou e animou, entre as alunas internas, a JEC, uma das tantas seções da Ação Católica Estudantil. Ainda, neste ano, meses antes de sua morte, as ex-alunas daqueles tempos se encontraram com ele e lhe deram gratificante testemunho da eficácia do seu trabalho.

Terminando o ano de 1960, o Pe. Inspetor teve por bem oferecer ao Pe. Pedro Alves Ferreira a Direção do Colégio Dom Bosco de Tupã SP. Na visão do Pe. João Greiner, o Pe. Inspetor, era mais prêmio do que aumento de responsabilidade. E tinha suas razões. Pois o Colégio Dom Bosco de Tupã estava vivendo o seu apogeu. O conjunto arquitetônico estava terminado e gozava de ótima fama, tanto na disciplina, quanto no aproveitamento escolar. O Pe. Pedro Alves Ferreira se empossou na Diretoria e a tomou a sério e com muita esperança. Porém, não durou muito. No fim de 1961, o Pe. Inspetor se viu obrigado a inusitado remanejamento do pessoal salesiano.

rando essa ou aquela particularidade de cada qual.

No final de 1942, foi destinado para o tirocínio prático, no Colégio Dom Bosco de Campo Grande MS. Naquele ano, trocaram-se-lhe quase todos os Salesianos. Os quatro assistentes foram substituídos por dois apenas. Um deles era o clérigo Pedro Alves Ferreira. Tocou-lhe a Divisão dos Menores. Eram noventa e sete meninos. O assistente revelou-se, passados os primeiros momentos de angústia, eficaz animador da disciplina, da piedade e do estudo de seus pupilos. Nas aulas se impôs pelo método, pela competência e, sobretudo, pela exigência. Como Assistente dos Menores, competia-lhe organizar e vivificar a Companhia de São Luiz, que era a dos Maiores. Promoveu congressos, simpósios em que se debatiam apaixonadamente temáticas religiosas, as mais diversas.

Ao término do ano de 1944, foi transferido para o Colégio Salesiano D. Henrique Mourão, de Lins SP. Também, como Assistente da Divisão dos Menores. O Colégio Salesiano D. Henrique Mourão, na época, era estrela de primeira grandeza, no céu da Inspeção. Seu Diretor, Pe. Mário Forgione, e os salesianos Pe. Otacílio de Oliveira e o Coadjutor Antônio Gama, condimentavam a comunidade educativa com firmeza, com bondade e com alegria. Nesse ambiente, o clérigo Pedro Alves Ferreira espongou à vontade. Deram-lhe as aulas de Literatura Brasileira no Curso Colegial. Não porque faltassem professores capazes. Mas para que o clérigo se aprimorasse no idioma pátrio. E ele o aceitou agradecido e se aprimorou de fato. O Colégio Salesiano D. Henrique Mourão, a Inspeção o adquirira da Diocese de Cafelândia. Já tinha os seus anos de funcionamento. E era misto. Passando para os Salesianos, em 1942, as alunas do Curso Ginásial ficaram com as Filhas de Maria Auxiliadora. As moças, porém, do Curso Colegial, já matriculadas, continuariam até o fim. O Clérigo Pedro Alves Ferreira havia de lecionar para as moças remanescentes do terceiro ano colegial. Foi-lhe mestre na relação com elas, o Pe. Otacílio de Oliveira. Aprendeu muito bem: - “Com mulheres”, - era o princípio, - “respeito e desenvoltura no trato; mas intransigente distanciamento afetivo”. Fez seu esse princípio do mestre e o guardou, como marcante característica sua, pelo resto da vida.

Em 20 de novembro de 1946, fez o pedido para a Profissão Perpétua. Poucas linhas. “Venho... pedir... a imensa caridade de, se não for indigno, aceitar-me aos votos perpétuos”. Guardou sempre esse sincero sentido de suas limitações. O Conselho da Casa o aceitou sem qualquer objeção. E, na Capela do Colégio Dom Bosco de Campo Grande, se tornou Salesiano para sempre, no dia 27 de janeiro de 1947, no encerramento do Retiro Espiritual.

Terminado o quarto ano de Tirocínio Prático, concedeu-se-lhe fizesse o Curso de Teologia na Crocetta, em Turim. Exultou! As cartas dirigidas aos familiares atestam o gáudio, nunca sentido assim tanto. A perspectiva de conhecer “os lugares salesianos” o empolgava. E nos seis anos, que passou por lá, não se cansou de visitá-los e estudá-los. Uma surpresa agradabilíssima, porém, o comoveu mais do que os lugares por onde Dom Bosco viveu e se santificou: a convivência com pessoas de palpável salesianidade! A autoridade espiritual e cultural do Pe. Pedro Ricaldone, aliada a desconcertante simplicidade no trato com as pessoas, e no prazer de contar e ouvir anedotas, numa roda de salesianos, encantavam-no. Quase não acreditava no que via e vivia! De uma feita, em Valdocco, não se conteve e indagou do Reitor Mor, por que andava ele tão modesto no vestir-se!... A resposta veio paternal e desconjuntante: - “Que pensa você? Pensa por ventura, que eu sou um clérigozinho, vindo da América do Sul que, para se fazer notar, há de se empetecar todo!” Sempre se lembrou da austeridade e humildade do Pe. Miguel-ângelo Fava, seu primeiro Diretor. Estudante do primeiro Ano, Pedro Alves Ferreira, ousara, nas caladas da noite, amputar a barba de um outro colega, dorminhoco e roncador. Pela manhã, quase que a casa veio a baixo! O Diretor mandou que o clérigo barbeiro o esperasse, na porta do escritório. Esqueceu-se dele e saiu por afazeres de seu cargo. Voltou à noite. E lá estava o clérigo esperando a sentença! O Pe. Miguel-ângelo Fava se desmanchou em mil e uma desculpas. Isso marcou o clérigo. O Pe. André Gennaro, como o admirava o nosso irmão estudante de Teologia! Teve-o como professor de moral, no tratado De Sexto. Não sabia dar conta de como o Pe. André Gennaro conseguia ser tão claro, em questões tão delicadas, transparecendo a candura de uma criança. Vibrava com as homilias do Pe. Tiago Mezzacaza, nas segundas Missas dominicais. Em linguagem simples, narrava ele a vida de Jesus. Cada homilia era um episódio. O clérigo Pedro Alves Ferreira, por nada deste mundo, perdia “o sermão de Dom Mezzacaza”. Anotava-o e depois conferia com o pregador as citações. Todavia, o que mais o marcou foram as Boas-Noites do Pe. Eugênio Valentini. Nunca ultrapassavam os dois minutos. Reproduziu muitas delas por escrito e numeradas.

No estudo dedicou-se com serenidade. Não destacou nenhuma Disciplina: aplicou-se a todas elas igualmente. Importou-lhe muito multiplicar e aprofundar o relacionamento humano. Fez-se companheiro de todos os colegas e, nas férias, despejou-se já em França, já na Áustria ou Alemanha, sempre querendo conhecer mais gente: “maneiras diferentes” - comentava - “de ser autêntico salesiano”.

Ordenou-se em Sacerdote, na Basílica de Nossa Senhora Auxiliadora, pela imposição das mãos do Cardeal Maurílio Fossati. Foi no dia dois de julho de 1950, Ano Santo. A Igreja festejava, naquele

Inspetoria, encarregando-o de reorganizar e reativar a Associação dos Salesianos Cooperadores. Aceitou, contente da vida, o novo encargo. Realizou com entusiasmo o Segundo Congresso dos Cooperadores, na Inspetoria e ultimamente estava preparando o Terceiro, que a morte não lhe permitiu ultimar.

Em fevereiro deste ano, o Pe. Pedro Alves Ferreira sentiu reais dificuldades digestivas. Coisa insólita, pois, sempre usufruiu de ótimo estômago. Resolveu ir ao Rio de Janeiro, onde residem familiares seus, para verificar o de que se tratava. Porém, a estadia coincidiu com a chuvarada, que malignou aquela cidade. Não fez os exames. Em casa, o estômago o importunava mais e mais. Resolveu examinar-se com o médico de nossa Comunidade, o Dr. Fernando de Vasconcelos. Constatou-se tratar de úlcera estomacal. Exames especializados, por duas vezes, revelaram não se evidenciar fosse de natureza maligna. No seu temperamento resolutivo, decidiu ir ao Rio de Janeiro para se operar. A preferência pelo Rio de Janeiro é devido ao fato de, além da presença de familiares queridos, duas sobrinhas estarem muito relacionadas com o Hospital “Pedro Ernesto” da Universidade do Rio de Janeiro. Lá, exames especializados confirmaram também a não evidência de se tratar de tumor maligno. O Pe. Pedro Alves Ferreira foi operado no dia 16 de junho. A operação foi tranquila e normal. A recuperação se fazia prever segura e certa. No quarto dia, irrompe, porém, fulmínia septicemia. Baldados foram os esforços para salvá-lo: nova e penosa operação no dia 22 de junho; aplicação intensa de antibióticos de última geração; e amorosa assistência diuturna.

Era sábado, dia dois de julho. O Pe. Pedro Alves Ferreira comemorava o trigésimo oitavo ano de sacerdócio. Sobre as nove horas, chegava ao Hospital “Pedro Ernesto”, o Pe. Antônio Secundino de Castro. Amigos e companheiros desde a pré-adolescência. Conversaram por bom tempo. O Pe. Pedro Alves Ferreira respirava com muita dificuldade. Estava perfeitamente lúcido e ciente de sua situação. Pediu que lhe levasse o jornal do dia: não “O Globo”; mas o “Jornal do Brasil”. Quando lhe levaram o jornal, passava por violento acesso de hemoptise. Mesmo assim, achou jeito de indicar para que lhe deixassem a encomenda na mesinha da cabeceira e que se retirassem. Passava do meio dia. Convidaram para o almoço. O doente estava respaldado no leito, tentando ler o noticiário.

O almoço era na casa da irmã dele. Eis que o telefone chamou e comunicou que o Pe. Pedro Alves Ferreira vinha de falecer naquele instante. Não era ainda uma hora da tarde: morreu, fazendo o de que mais gostava na vida. Morreu lendo.

Sendo inviável transladar a essa para Campo Grande, o corpo do Pe. Pedro Alves Ferreira foi velado numa das capelas do cemitério do Parque da Colina, em Niterói, RJ. O Pe. Jose Marinoni, acompanhado pelos Pes. Frederico Heimler e José Corazza, chegou, a tempo, para as exéquias. Pelas dez horas do dia três, o Pe. Inspetor presidiu a Eucaristia concelebrada por quatro sacerdotes da Inspetoria de Campo Grande e dois da Comunidade Salesiana de Niterói, os Pes. Jayme Teixeira Filho e Waldemar Zoppé. Estavam ainda presentes a Dr^a. Vânia Ferreira Ramos de Noronha, - sobrinha do falecido, - com seu esposo Marco Antônio Faconti de Noronha; o sr. Dorival Ignácio de Medeiros, amigo dos tempos de Araçatuba; uma jovem, representando os jovens de Corumbá; e um ex-aluno da primeira turma da Faculdade de Direito de Campo Grande, que representava os colegas. O corpo do Pe. Pedro Alves Ferreira espera a ressurreição, num dos lóculos do Jazigo dos Salesianos de Niterói-RJ.

A Missão Salesiana de Mato Grosso agradece penhorada a sra. Natália Ferreira Ramos, irmã do Pe. Pedro Alves Ferreira, que, juntamente com sua filha Dr^a. Vânia Ferreira Ramos de Noronha e o genro Marco Antônio Faconti de Noronha deram carinhoso acolhimento ao nosso irmão; prepararam-no para a intervenção cirúrgica; assistiram-no assídua e carinhosamente durante todo o surpreendente e nefasto processo. Não poderia também deixar de agradecer à Direção do Hospital “Pedro Ernesto” da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, que cedeu, ao nosso irmão, o melhor que tinha, tanto no que se refere a acomodações, como quanto diz respeito a aparelhos e remédios. Nada faltou: o possível foi feito. Agradece, sobretudo, a competência, a dedicação e o carinho da Equipe de Médicos e Enfermeiros que operaram o Pe. Pedro Alves Ferreira.

Enfim, o nosso agradecimento muito sentido aos nossos irmãos de Niterói. Foi muito marcante a disponibilidade com que cederam um dos lóculos do Jazigo da família. E mais ainda, a acolhida que dispensaram aos irmãos que chegaram de Campo Grande bem como a confortante presença nas exéquias.

A todos, Cooperadores Salesianos, Ex-Alunos e amigos, que, de qualquer forma, compartilharam desse momento de Inspetoria Salesiana de Campo Grande, o nosso “Deus lhe pague”. Peçam, conosco, a Deus que suscite muitas vocações tão identificadas com o carisma de Dom Bosco, como o foi o Pe. Pedro Alves Ferreira.

Não se esqueçam de quem se declara em Dom Bosco Santo, amigo e irmão,

Campo Grande, 08 de setembro de 1988.

Pe. Antônio Secundino de Castro